



Jonathan Swift

Introdução de Leonardo Poggia Vidal¹

Jonathan Swift nasceu em 30 de novembro de 1667 em Dublin, na Irlanda. Seus pais eram protestantes anglo-irlandeses, mas isso é quase incidental na vida de Swift: o pai, também Jonathan, morreu dois meses antes de seu nascimento e sua mãe, Abigail, se mudou para a Inglaterra, deixando Swift ao cuidado de parentes. Em 1673 ele ingressou na escola Kilkenny, a melhor da Irlanda. Depois frequentou o Trinity College, em Dublin, se graduando em 1686. Quando o colégio foi fechado pela Revolução Gloriosa, de 1688, Swift foi para a Inglaterra, buscando entrar para a Igreja Anglicana. Em 1689 começou a trabalhar para Sir William Temple em Moor Park, em Surrey, onde foi apresentado a duas circunstâncias que o acompanhariam em sua trajetória: Esther Johnson ('Estella'), que viria a ser seu grande amor, e os sintomas do Mal de Ménière – tonturas e náuseas. Em 1695 se sagrou padre da Igreja da Irlanda, parte da Igreja Anglicana.

Em 1700 Swift foi nomeado para a paróquia de St. Patrick, em Dublin – tendo que fazer, a contragosto, o caminho de volta à Irlanda. No ano seguinte, se fez doutor pela Universidade de Dublin. Em 1704 publicou anonimamente *A História de um Tonel*, uma sátira dos três ramos do cristianismo em que três irmãos, Jack (de John Calvin, fundador do Calvinismo), Pedro (do fundador do Catolicismo) e Martin (de Martinho Lutero, fundador do protestantismo) herdam do pai três casacos em que, por conta do testamento, não podem fazer

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

modificações – o que, obviamente, não acontece; A Batalha dos Livros, uma sátira em que livros ganham vida e travam uma batalha para determinar quem era superior: se os Antigos ou os Modernos; e também A Operação Mecânica do Espírito, uma palestra sobre como elevar o espírito humano – leia-se ‘manipular os fiéis’. Em 1708, publicou sátiras contra o astrólogo John Partridge e outros panfletos sobre questões religiosas, inclusive Um Argumento Contra a Abolição do Cristianismo. Em 1710 virou o editor do jornal *The Examiner*, escrevendo também a série de cartas a Esther Johnson que mais tarde seria publicadas como *O Diário para Estella*. Em 1713 foi nomeado Deão da Catedral de St. Patrick – outra promoção de que não gostou.

Com a morte da rainha Anne, em 1714, e a ascensão de George I (de facção política contrária à de Swift), retornou à Irlanda. Se Swift se casou com Esther Johnson (não se sabe ao certo), foi em 1716. Em todo caso, algo o andou distraíndo, pois só começou a escrever em 1718. Em 1724-25 escreveu *As Cartas de Drapier*, contra a cunhagem privada de moedas (obra muito popular na Irlanda). 1726 foi o ano de publicação de *Viagens de Gulliver*.

É o escrito mais conhecido de Swift, e talvez um dos mais mordazes. São quatro viagens, cada uma causada por um naufrágio que coloca o protagonista em contato com uma sociedade diferente. Na primeira, para Lilliput, Gulliver desfruta da companhia das pessoas pequenas (semelhantes à corte da rainha Anne), em que guerras são travadas por futilidades e os méritos das pessoas julgados pela aparência ou por malabarismos sociais. A segunda viagem é para Brobdingnag, a terra das pessoas grandes, que se entretêm amavelmente com o pequeno visitante e sentem desgosto por suas descrições da sociedade inglesa, em especial em relação à guerra. A terceira viagem leva Gulliver a vários lugares. Primeiro, o viajante visita a ilha flutuante de Laputa, habitada por cientistas alienados do mundo à sua volta, que dominam com sua ilha os territórios abaixo, mas estão tão completamente voltados para assuntos astronômicos e celestiais que precisam que um servo lhes bata com uma bexiga nos ouvidos ou na boca quando é sua hora de falar durante uma conversa. Na academia de Lagado, a capital, os estudiosos passam a vida fazendo inventos que ou não funcionam, ou prejudicam as pessoas. Este texto já havia sido escrito há alguns anos, e foi inserido por Swift em *Viagens de Gulliver*. Deriva de uma aposta feita no Scriblerus Club entre Alexander Pope, John Gay e Swift sobre quem escreveria a melhor sátira contra os excessos provocados pelo entusiasmo com o Iluminismo e os progressos científicos ligados à Revolução Industrial. Depois o viajante vai a Maldonada, e visita Glubbudbrib, terra de magia em que tem a oportunidade de falar com as sombras de figuras históricas e descobre a impostura da História oficial. Finalmente, em Luggnagg, descobre os *struldbrugs*, imortais que envelhecem continuamente, para sempre, sendo despojados de seus bens materiais e vivendo como mendicantes isolados da sociedade. Assim, a ideia de mortalidade e do desejo de uma vida longa são colocadas em uma perspectiva

diferente - de que adiantaria viver muito, se na velhice nossas faculdades tendem a desaparecer? Nessa terceira viagem, vão caindo por terra, uma a uma, as ilusões do viajante. Na quarta e última viagem ele encontra os Houyhnhnms, uma sociedade equina, onde descobre em seus habitantes a perfeita harmonia com a natureza. Isso é posto em contraste com a miséria, violência e estupidez muito humana dos animais Yahooos, criaturas que a princípio o viajante não percebe como humanos, que acolhem todos os pecados da carne e colecionam pedras brilhantes. Temos, então, a Humanidade em uma sombria perspectiva, despida de toda ilusão e enfeite. Os fatos que levam o viajante à condição de naufrago, incitando cada viagem, também vão se tornando mais sombrios: primeiro naufraga por acidente, depois é abandonado, atacado por estranhos e, finalmente, por sua própria tripulação. O protagonista acaba suas aventuras enjoado com sua própria espécie.

Esther Johnson morre em janeiro de 1728. No ano seguinte, Uma Modesta Proposta (sátira feroz em que sugere que os muitos filhos dos católicos irlandeses pobres sejam devorados pelos ricos, para que não se tornem um transtorno à sociedade) é publicada. Entre 1727 e 1736 publica cinco volumes de Miscelâneas, com Pope. Durante os anos seguintes, Swift começa a sofrer de senilidade, até sua morte, a 19 de outubro de 1745.

Em seu livro *A Literatura Inglesa*², Anthony Burgess acredita ver em Swift “um ódio louco à humanidade” (BURGESS, 1985, p.185), e, graças ao tom sombrio de seus últimos escritos, há diversas referências à sua misantropia. A isso gostaria de contrapor que o verdadeiro misantropo não se incomodaria de escrever tantas obras advertindo a humanidade de seus vícios: que se lixe. Já o amor ao próximo nos leva não só a querer o bem do outro, mas também a ver suas falhas aumentadas – precisamente porque importam mais. Talvez, então, não fosse o desencanto de Swift com a humanidade, mas seu amor por ela, que o levaram a escrever como o fez. E essa versão, em minha opinião, é mais coerente tanto em relação à sua biografia quanto em relação ao conteúdo de seus escritos. Como Lemuel Gulliver descobriu em suas aventuras o ser humano, visto à distância (como Gulliver parecia ver mesmo os liliputianos próximos), parece bem feito e de bonita compleição. Mas quanto mais próximos chegamos dessa criatura mais defeitos vemos, e em Brobdingnag mesmo as pessoas de feições belas pareciam monstruosas. O epitáfio de Swift, de sua própria autoria, corrobora essa visão. Em seu túmulo, na Catedral de St. Patrick, está escrito:

Aqui jaz Jonathan Swift, doutor em Teologia e deão desta catedral. Sua indignação colérica não pode mais dilacerar seu coração. Passe, viajante, e imite, se puder, este que defendeu a causa da Liberdade.

2 BURGESS, Anthony. *A Literatura Inglesa*. São Paulo: Ed. Atica, 1985. tradução de Duda Machado.